



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 11 de Novembro de 1995 • Ano LII — N.º 1348 — Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

BENGUELA

Pedras preciosas que são o futuro de um Povo

CRIANÇAS. À hora em que estas notas entrarem em vossa Casa, estarei de regresso a Benguela, à nossa Casa do Gaiato.

Quando cheguei a Portugal, trazia os meus olhos cheios de crianças. Em qualquer parte onde estivesse, no centro da cidade ou nos bairros suburbanos, abundavam as crianças, os tesouros da Humanidade. São pedras preciosas que guardam, em si, o futuro dum Povo. Elas, a riqueza maior duma nação. Mal vai uma pátria que não tem condições para acolher a vida que está nas crianças. Mal vai um Povo que sacrifica a vida que está nas crianças ao ídolo do bem-estar material.

Há tempos, quis ajudar mais de uma centena de mães que trabalham e têm filhos. São de Angola. Esta nota já aqui foi referida, mas vem a propósito. Quis ajudar, sim, guardando os filhos do calor intenso e das moscas e outras coisas,

enquanto as mães trabalhavam. Era o embrião dum pequeno berçário.

De princípio, tudo bem. Depois, passado algum tempo, houve que parar. Não aguentaram a ausência dos filhos nas poucas horas de trabalho. Eles fazem parte da sua vida, e sem eles não podem viver. Querem trazê-los bem pertinho de si. Bem aconchegados ao seu coração para que a vida não lhes falte. E bem aconchegados ao seu corpo, também.

O respeito pela vida

Estamos na presença dum valor muito grande. É o primeiro de todos: o respeito pela vida. Quanto ao berçário houve que parar, mas não acabar. Ele há-de ajudar a servir melhor a vida. Quando alguém aparecer com vocação de mãe e com jeito, continuará.

Nestes dias, ao passar por algumas terras, fiquei com a sensação de que o deserto avança. Mais ainda quando li no jornal que muitas escolas fecharam por falta de crianças. Centenas delas! É que trazia os meus olhos cheios de crianças. Grande

parte delas sem escola, sem carteiras, sem livros, sem nada!

São contrastes que nos devem questionar. Tem-se falado muito na cultura da morte e na cultura da vida. De que lado estamos? Há em nós vida para dar ou não? A presença das crianças é um sinal. A ausência delas também é.

Contrastes que nos devem questionar

Estou a ver, deste cantinho, centenas e centenas sentadas no chão, ou em latas de leite vazias, ou em pedras, ou em pequenos bancos caseiros, debaixo das árvores diante do quadro preto; outras, que não têm conta, a perguntar por quem vai ajudá-las a crescer. É um desafio. São imagens dum filme, ao vivo, em rodagem todos os dias. Aqui ficam.

De passagem por Porto de Mós, estivemos em casa da família que foi a alma do movimento para um contentor com coisas de muito valor para a vida da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Tanto bem que foi possível fazer! E chegou tudo. Ao senhor Eng.º Joaquim dos Santos, sua esposa com seus filhos o nosso obrigado!

Padre Manuel António

VISITANTES

As visitas informais são uma instituição em nossas Casas

ONTEM foi domingo e, este ano, ocorreu a festa de S. Simão, penúltima das grandes romarias nestes arredores. Ainda nos não levantamos e já pela quinta passeavam muitos romeiros do Santo, que, à ida ou na volta, fazem *estação* aqui.

Tudo bem. É uma tradição simpática que o nosso ser de *porta aberta* torna possível. À devoção do Apóstolo junta-se estoura mais recente, consumada no «Santuário de almas» que é uma Casa do Gaiato.

Todo o dia continuou o fluxo dos passantes a engrossar a habitual corrente em domingos e feriados, particularmente caudalosa em dias bonitos como o de ontem.

Tudo bem, torno a dizer. As visitas informais são uma *instituição* em nossas Casas. E dá-nos alegria e conforta-nos esta presença humana que vem uma primeira vez curiosa e volta muitas vezes movida por séria amizade. É frequente a visita de pais ainda jovens, acompanhando seus filhos, e que nos deixam este testemunho: «Vim aqui, criança, pela mão de meus pais e a impressão que guardei, quero, agora, transmitir-la aos meus filhos». Outros vieram em grupos escolares ou de catequese — visitas que muito estimamos e queríamos sempre acompanhar (o que nem sempre é possível) para que o conhecimento dos pequenos visitantes não

fique à superfície do que se vê, mas seja uma semente de interesse e de inquietação para o futuro. Assim tem sido ao longo deste meio século da nossa existência e esperamos que será pelo tempo em fora.

Um espinho que se agudiza

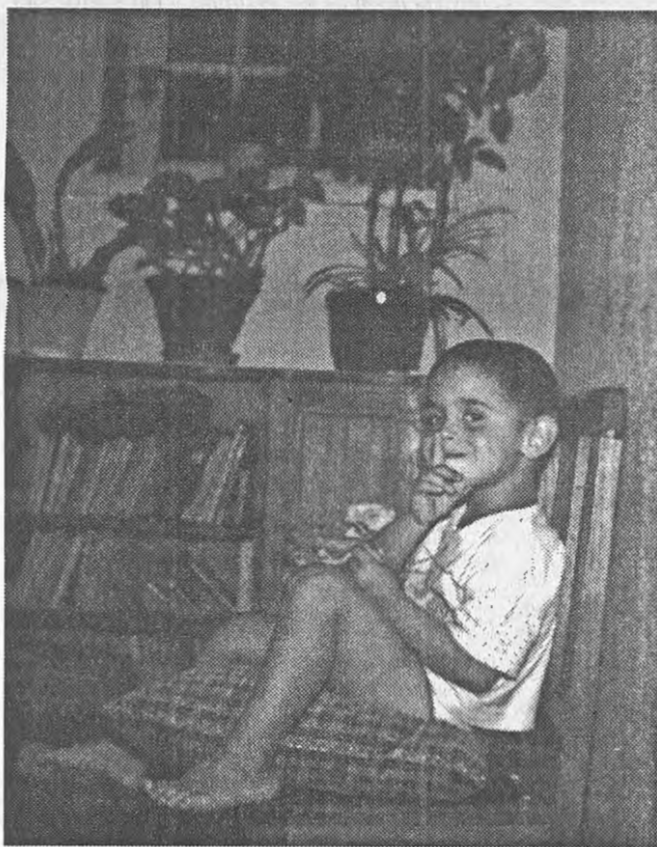
Um espinho, porém, que, em dias de avalanche como o de ontem, se agudiza: os dons distribuídos directamente aos rapazes, desde comida e gulodices que tornam o jantar de domingo, geralmente, uma refeição difícil e as segundas-feiras, dias de frequentes perturbações intestinais, até presentes inadequados que, algumas vezes, temos de desfazer, e, sobretudo, dinheiro em mão de crianças que não necessitam dele nem sabem usá-lo e se tornam alvo de espertalhões que lho apanham e vão gastá-lo mal. Ainda ontem ao jantar um dos «Batatas» me veio entregar uma moeda que lhe haviam dado.

— Tu dizes aos senhores que não podes aceitar.

— *Eu disse, mas eles ateimam!*

Agora mesmo irrompem quatro pelo escritório. Dois mais crescidos iam levar encomendas ao correio. E quem encontram eles?... Outros dois, o Fábio I e o João

Continua na página 3



As crianças, tesouros da Humanidade, são pedras preciosas que guardam, em si, o futuro dum Povo — afirma o nosso Padre Manuel.

6-10-95

AINDA jovem, e muito tímido, veio pedir uns quilos de fuba de milho.

— Homem, com esse corpo porque não faz a sua lavra?!

— *Não tenho terra* — respondeu.

Dei mesmo gargalhada em sua cara.

— Tem um mundo de terra, senhor, e as ONG(s) dão enxada, catana e sementes.

Ficou pensativo e olhando sério.

Graças a Deus que os latifundiários das nações poderosas ainda não chegaram.

Também as organizações estão virando a bússola para a produção agrícola e trabalhos profissionais. É um rumo certo conduzir cada um nesta caminhada difícil do «ganha-pão».

Digo difícil, pois os longos anos de guerra arrancaram dos corações e dos membros os hábitos de trabalho.

Daí, que são naturais e espontâneas tantas expressões: — *Estou sem terra. Não tenho forças. Minha casa de adobes, lá na sanzala, está sem chapas.*

MALANJE

dia-a-dia

Demos a fuba ao homem e, no íntimo, pedi perdão da minha gargalhada.

8-10-95

O VELHO Kinvula anda todos os dias 10 quilómetros para chegar cedinho à nossa lavra. Como ele, um milhar de camponeses — homens e mulheres — que sentiram na alma os arrepios da fome.

Assim, na periferia da cidade vão-se

desenhando os contornos das mibangas. As estacas de mandioca nos seus dorsos lembram sementeira de bandeirinhas de crianças. Em breve, porém, será manto de verdura.

É na mãe-terra que as fontes da paz e da esperança farão correr pelas baixas os regatos que regarão as leivas.

Nas margens do nosso rio, que pusemos à disposição do Povo, há já horta-líça, tomate e cebola.

12-10-95

VEIO, hoje, o Miguel, que a Organização Concern nos trouxe.

Vinha carregadinho..., e logo o «Calibre» se encarregou do corte do cabelo, banho e roupa nova.

Vi-o há momentos, bonito, olhos calmos, como se tivesse nascido nesta Casa que agora é sua.

Ele não tem qualquer família. Vivia na rua há já dois anos.

Este foi o dia do Miguel, o seu segundo nascimento!

Padre Telmo

Conferência de Paço de Sousa

BOA NOTÍCIA — Do ponto de vista social, é objetivo primário da acção vicentina dar *cana* ao Pobre para pescar. Isto é, procurar que se promova também por si mesmo com o mínimo de interferência estranha. Evidentemente, os que tenham capacidade para o efeito...

Não vamos fazer um diagnóstico da situação. Mas são muito poucos aqueles ou aquelas com força física e anímica para lutar. Em nossa acção predominam idosos, doentes (alguns incuráveis).

Agora, recebemos o SOS dum vicentino: «*Agora, ela está muito só. Não tem o suficiente para se alimentar. Vou já dar recado ao merceiro para lhe dar mais e não passar necessidades*».

A boa notícia: É aquele homem, aqui falado, com o braço fisicamente inactivo, que frequentará um curso de formação profissional, muito específico, num organismo do Estado, a partir do mês de Janeiro. Esperamos que o faça conscientemente. E, depois, optimize a dita *cana*, na pesca (futura profissão no mercado de trabalho), em prol dos seus mais seus.

PARTILHA — Assinante 57002: «*Envio pequena ajuda para os Pobres, que distribuirão como melhor entenderem. O Senhor nos ajude a libertar do nosso egoísmo e a contribuir com alguma coisa para minorarmos o sofrimento de alguns Irmãos mais precisados*».

Contribuição mensal (dez mil escudos) da assinante 14493, Rua da Boavista — Porto. Outra, do assinante 17258, Baguim do Monte — Rio Tinto, com três mil para a «*renda da viúva*». Onze mil, do casal-assinante 11902, do Fundão, «*mesada do corrente mês*».

Um pequenino sobrescrito com mil escudos, entregue no Lar do Gaiato do Porto. Não se sabe de quem nem donde. Cem por cento anónimo(a).

«*Uma Assinante de Paço de Arcos*» com a «*partilha de Setembro/Outubro*» (trinta mil), «*saudações fraternas e muita amizade*» que retribuimos na mesma proporção.

Assinante 48683, de Cabril — S. Pedro de Castelões: «*Pequeno donativo a favor dos Pobres*». Acrescenta: «*Embora pouco, é dado com muito carinho para todos os que sofrem*».

O habitual cheque da assinante 31104, de Lisboa: «*Continuo a sentir na alma que esta oferta é a melhor oração que*

Pelas CASAS DO GAIATO

consigo fazer. Deus conhece as minhas intenções».

Outra carta, cheia de amizade, e quinze mil enviados pela assinante 35016, da Póvoa de Varzim, referindo os «*36 anos de casada que comemorei — e em acção de graças ao Senhor*». Parabéns.

Mais três mil, de Lisboa, com uma intenção justa: «*Apliquem da melhor forma*». A mesma quantia da «*Avó dos cinco netinhos*», residente em Setúbal, «*pequena gota referente ao mês de Outubro*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ÁFRICA — Quando sair esta edição do GAIATO, o nosso Padre Manuel António estará a caminho de Benguela depois de um mês de férias. Nós gostámos muito da sua visita.

Estamos a preparar alimentos e outras coisas mais para mandar para Malanje, Maputo e Benguela — por contentores.

ESCOLAS — Os rapazes da Telescola já começaram com os primeiros testes. Esperamos que tenham boas notas.

S. SIMÃO — É uma festa que ocorreu em Urrô. Agora param, por aqui, menos romeiros — porque utilizam a auto-estrada.

MEDALHA — O Luís Mendes já lançou uma medalha comemorativa do encerramento da fase diocesana do Processo de Canonização de Pai Américo. Um módulo de 90 mm. Esculturas, averso e reverso, do autor. A primeira edição é de 250 exemplares, numerados.

FUTEBOL — Em 28 de Setembro tivemos uma reunião no bar. Presentes todos os atletas do nosso futebol para se elegerem os novos dirigentes da equipa.

Após o ex-treinador, Lupricínio, ir exercer outras funções, houve que mudar as tarefas: «Amarante» é o responsável pela escrita; «Banana», treinador; o resto fica tudo na mesma.

Agora, só falta desejar boa sorte aos actuais responsáveis pela equipa.

Estamos à espera de adversários que queiram jogar connosco. Telefonem para o 055-752285 e chamem o «Amarante». Obrigado!

CARAS NOVAS — Recebemos mais quatro irmãos: Filipe, Miguel, Luís e Paulo. Esperamos que tudo lhes corra bem e sintam o amor e carinho de todos nós.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

MIRANDA DO CORVO

FUTEBOL — Nos fins-de-semana temos sempre uma equipa para defrontar. Perdemos todos os jogos, mas esperamos que o de quarta-feira corra bem.

OBRAS — O nosso campo de futebol ainda não está pronto. Construíram uma bancada central e estão a pôr uma grade à frente dela e dos jardins que vão ficar ao lado.

OFERTAS — Quase todos os dias a carrinha vai buscar sobras ao Continente. Assim não fazemos despesa em farinha para cozer pão. Muito obrigado à administração do Continente, assim como a todas as pessoas que se lembram das Casas do Gaiato.

CRISMA — Em 22 de Outubro, dezasseis rapazes receberam o Crisma na Igreja de Miranda do Corvo. Quem presidiu foi o Senhor Bispo de Coimbra.

Almoçamos em grupos, nos Moinhos, e merendamos em nossa Casa com os padrinhos e as madrinhas.

Cláudio «Peixito»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Temos recebido boas lições, confrontados também com situações que acontecem aos nossos irmãos.

A Dálina é a nossa velhinha. Já conta 86 anos. Sempre que nos vê, faz uma festa, mas notamos que já tem muita dificuldade em respirar, devido a um problema de asma. Vive naquelas quatro paredes sozinha. Uma vizinha faz-lhe de comer e compra o que ela necessita. É triste que a família a tivesse abandonado, mas infelizmente os velhinhos de hoje, para algumas famílias, são um fardo. É triste, mas a maior parte delas só olham para a parte material. O amor de família é coisa que já não existe.

Só me admira que alguns que se dizem cristãos, até frequentam a Igreja, mas colocam os seus velhinhos em lares ou arranjam alguém que olhe por eles e já está tudo bem. Será que é este o amor que vão transmitir aos filhos? Mais tarde, eles são também velhinhos e que exemplo!

Bem sabeis que isto é o que acontece nos nossos dias. Eu sei que é muita responsabilidade, mas como filhos temos obrigação de dar aos nossos pais carinho e conforto. Sei que não é fácil, porque há muitas divergências de mentalidades, mas temos que ser compreensivos e saber ultrapassar estas barreiras, pois quando chegar a nossa vez os filhos terão a mesma dificuldade...

Outra situação: Desta vez é o filho de uma Pobre. Tem 18 anos e vai ser pai. Ela tem 17. A mãe e a tia preocupadas porque, realmente, não têm condições: ele trabalha na construção civil com pequeno ordenado; ela numa confecção, mas agora desempregada. Que situação! Vamos tentar apoiar naquilo que pudermos.

Aproxima-se o Natal. A vida está difícil, e não podemos esquecer a necessidade de par-

tilhar com os nossos irmãos em todos os momentos.

Queremos aproveitar esta crónica para deixar esta mensagem que é uma lição para todos nós:

«*Aquela estrela continua a brilhar sobre o mundo, sempre antiga e sempre nova. Mas para muitos permanece distante e desconhecida.*

E é lógico, eles não têm tempo (ou coragem?) de olhar para o alto.

E tu, amigo, já percebeste que existe uma estrela também para ti? Ela convide-te a partir, atrás da sua luz, em busca de Cristo que espera por ti nalgum lugar. Talvez não tenhas tempo de olhar para cima. És homem de negócios, homem de acção, homem com os pés no chão; como poderias perder tempo atrás de uma pequena estrela?

Colocas todo o teu interesse no bem-estar e no sucesso; como poderias pensar que existe algo mais importante e mais empolgante que isso?

Mas a estrela continua a brilhar para ti.

Ela nunca se apagará.»

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da nossa amiga Júlia (completou 81 anos) recebemos 10.000\$00; assinante 60093, 5.000\$00; anónimo, 5.000\$00; avó da Mané, 1.000\$00; assinante 60686, 10.000\$00; Maria Helena, 10.000\$00.

Agradecemos aos nossos Amigos com votos de que a paz reine em todos os lares.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato do Porto — Rua de D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

AGORA

Areia — Tijolo — Telha

Espero continuar a enviar mais para o mesmo fim.» Coração aberto.

As coisas grandes fazem-se de coisas pequenas. Os grandes edifícios são construídos de elementos insignificantes. Um grão de areia, um tijolo, uma telha, só por si, são insuficientes. Mas juntas muitas unidades formam o edifício.

«*Envio cheque de importância de 5.000\$00 para que seja aplicado nas obras do Património dos Pobres.*» Aguiar da Beira.

«*30.000\$00 podiam ser para o Património dos Pobres. Estou à porta dos 68 anos e ainda tenho de trabalhar.*» Senhora de Rio Tinto que sabe o que custa a vida e, por isso, está atenta às aflições dos Outros.

«*Junto cheque de 5.000\$00 para ajudar a construção mais necessitada.*» Do Porto. São tantos necessitados que, geralmente, não sabemos como remediar.

«*Vão 81.832\$50, oferta ao Menino Jesus, a quando do Beijo do Natal. É para o que for mais preciso.*» Da comunidade cristã de Oliveira de Azeméis. O Menino Jesus devia sentir-se muito feliz com o beijo que lhe deram e com a oferta para os Irmãos sem abrigo.

Eis uma amostra:

«*Uma pequena contribuição para o Património dos Pobres.*» Do Porto com 7.000\$00.

«*Respondendo ao apelo d'O GAIATO, rubrica Património dos Pobres. Um testemunho de 15.000\$00. Bom e intenso trabalho são os nossos votos.*» Porto.

«*Sensibilizou-me muito o discreto apelo do Padre Telmo, de Malanje. Mas há também tantas situações dramáticas por aqui... Que Deus vos ajude e dê coragem para prosseguir a vossa — e porque não também nossa?... tarefa.*» Veio de Braga acompanhada de cem contos. Um apelo às consciências adormecidas. E há tantas!...

«*Junto um cheque de cinquenta, que se destina ao Património dos Pobres, para o caso mais urgente neste momento.*» Veio do Fundão.

«*Com os melhores cumprimentos anexam contribuição para as despesas do Património dos Pobres.*» É dum casal do Porto com cheque de mil contos. Fizeram desta oferta uma contribuição. É um dever de todos contribuímos para o bem uns dos outros. Não nos iludamos com o hábito da esmola.

«*Envio um pequeno cheque de dez contos para ajudar os necessitados que V. auxilia.*» É de Vila Nova de Gaia.

«*Segue cheque de cem mil escudos para aliviar um pouco essas mãos heróicas que, nas máximas aflições, recorrem a vós.*» É de Lisboa.

«*Junto cheque de 20.000\$00, ajuda pequenina, mas dada com todo o coração, para ajudar aquela criança mencionada no Património dos Pobres.*»

«*Este cheque de quinze contos é para dar aos mais necessitados. É do meu filho que entrou na Universidade.*» Da Figueira da Foz. Jovem com consciência de partilha. Está nas mãos e coração da juventude o pão futuro da vida da Sociedade.

«*Cheque de cinquenta mil, para ajudar na construção de casas para famílias pobres.*

Retalhos de vida

O «MIMALHO»



Sou conhecido por «Mimalho» e o meu nome de Baptismo é Marco Emídio

Almeida Gomes da Costa. Vim de Matosinhos, terra de pescadores e mareantes. Hoje é uma cidade das mais importantes do Norte do País.

Fui acolhido na Casa do Gaiato porque a minha tia não tinha possibilidades de me criar. Roubava... Quase me meti na droga...

Estou bem de vida, na Casa do Gaiato. Aqui, não falta nada graças a Deus.

Marco Emídio («Mimalho»)

Tribuna de Coimbra

Os sempre Pobres e os novos Pobres

As ideias, as teorias e, até, alguns ideais bem intencionados, nem sempre expressam a outra face do «real»: o quotidiano nu e cru, vivo e irrefutável. O contacto com os Pobres, como papel químico, atesta essa enorme distância. Distância acentuada, sobretudo, quando está em causa a dignidade e o respeito pela pessoa humana, a mais exposta.

Hoje a pessoa é, felizmente, um critério soberano para dizer do que valem os discursos e os acordos, as Instituições e os Pobres. Mas ainda assim esta compreensão, em inumeráveis casos, é meramente teórica. De facto, basta olharmos à nossa volta, numa aproximação desapaixonada ao mundo dos Pobres, para o verificarmos com alguma desilusão e dor. Nem vale a pena dizer dos números e da qualidade dos sempre pobres e dos novos pobres.

Perante o compromisso humilde, sem exclusivismos de qualquer natureza — o melhor discurso, com o Pobre nas mais variadas situações, aqui e agora — é sempre iluminante recordar o Padre Américo na sua práxis inultrapassável: «A verdadeira Revolução é levantar os prostrados e não deitar abaixo os que caminham».

Ana Maria

* ANA MARIA tem 19 anos. Juntou-se aos 15 com um «artista» de circo, no grande Porto. Dois adolescentes cheios de sonho acalentado por uma cultura de gozo e facilidades. Um precalço, por certo, e veio um lindo menino. O Alexandre que, entre nós, deixou muitas saudades. Mas vieram as dificuldades, o desânimo adolescente, imaturidades várias; a ausência de projectos, de casa própria, de mesa e de intimidade: o suicídio encontrou nele terreno fértil — e venceu.

Desilusão... e dúvidas

Veio um novo ajuntamento e com ele mais desilusão para ambos, mãe e filho. Desilusão, sofrimento, maus tratos e silêncio.

Ana Maria apareceu de semblante ferido: «Quería deixar o meu menino... Não sou capaz».

«Bem entregue...», implorava a «companheira».

Era já noite. Chamei-as para a luz. Enquanto conversava com as duas, o menino associou-se aos nossos e jantou com elas na nossa imensa sala de jantar — como se estivesse em família.

Disse-lhe que não só o filho, mas também ela. Prometi um lugar onde a ajudassem a firmar-se melhor na vida. Concordeu. No dia seguinte «desapareceu» de casa amiga que a acolheu, sem rasto. Mais tarde veio pelo filho. Disse que não. Depois, veio a avó e levou-o. Um acordo mais ou menos seguro por sérias informações obtidas.

Mas será que terminou para este menino uma certa infância ao sabor do capricho e da instabilidade afectiva e emocional? A avó diz que sim. E esta mãe, tão jovem, será que alguma vez firmará passo certo?

Dúvidas que se levantam quando temos por certo o pensamento do Padre Américo: «A miséria tem mais força e vence... Às vezes parecemos uns derrotados».

Permita Deus que o Alexandre encontre uma família e uma casa por força das saudades que em nós deixou.

Padre João

PASSO A PASSO

As crianças vagueiam sem encontrar o pão da promessa

TARDE serena de domingo. Os rapazes saíram no camiã até ao Lobito. Vou passeando na nossa Aldeia. O vento sopra fresco... A pouca distância aparece um rapaz de fora, tronco nu e em calções, e me diz: — *Senhor padre, tenho fome!* Reajo interiormente e duvido do que me é dito; talvez o hábito de pedir! Aproximo-me e olho-o nos olhos: — *A minha mãe foi num óbito e ainda não almocei!*... Acreditei... E lembrei-me de outros...

* Ao lado, os pássaros vão debicando aqui e ali. Eles têm a sua parte mas os homens não. Por causa da sua loucura! A guerra, a falta de fraternidade e solidariedade, a ambição, o desejo de dominar e ter poder! Tudo isto faz que muitos homens sejam aqui menos que um simples pássaro. Estes andam aos bandos. Bonitos, muito coloridos, sem-

pre cantando. Mas as crianças, em grande número, entregues a si mesmas, vagueiam, sem encontrar o pão da promessa.

* Adultos, imensos, buscam trabalho em troca de pão. Isto lhes bastaria. É a primeira grande necessidade. Por vezes encontram-no, no campo, mas em troca recebem o insuficiente para uma refeição. Como é possível trabalhar? Como é possível viver?

A luta para sobreviver é travada no silêncio. Aonde vai o pássaro tirar o sustento, tentam os homens chegar. Noutras vezes roubam outros tão pobres ou mais do que eles. Os pássaros continuam livres. E os homens?

Soube pela T.V. que nas cadeias também se morre de fome. Como é possível valeres tão pouco, Criatura de Deus? Porque não tens valor para os teus iguais?

* Paradoxalmente nunca vi tanta serenidade em rostos humanos, como aqui. Raramente se vêem sinais de desespero, de ansiedade ou inquieta-

ção. Homens, mulheres e crianças passam de olhar límpido...

De onde vim, do cantinho mais ocidental da Europa, os olhares são diferentes. Semelhantes, talvez só nos restos escondidos de um Portugal à espera da morte. Mas, onde a morte?

* Já cá chegam facilmente as novidades dos casos da vida pública portuguesa. Gostamos desta partilha! Mas porque é tão difícil chegar algo daquilo que não precisais? E se chegasse ficariéis mais livres, mais felizes. A «aldeia global» há-de chegar à comunhão, não só à informação. Esta só favorece quem já não precisa.

Os pássaros não armazenam, por isso cantam. Mas quando todo o tempo é pouco para ganhar e armazenar, onde a disposição e o lembrar-se que também os homens sabem cantar? Também isto se compra! Só a paz e a limpeza de olhar não se podem comprar. A menos que cresça o partilhar que é soltar amarras... amando.

Padre Júlio

Amor familiar

Contentores para as Casas de África

É consolador ver e sentir em todas as nossas Casas o acolhimento e a alegria que os nossos rapazes, especialmente os mais velhos, põem em carregar os contentores que se destinam às Casas de África.

Todos procuramos sentir e viver as condições que eles por lá sofrem, enquanto nós aqui temos relativa abundância. Descjamos que não lhes falte nada, para menos sentirem o clima de guerra em que têm vivido e da fome que têm passado.

Os contentores costumam

ir cheinhos. Os intervalos vão atufados de roupa e pequenas coisas. São máquinas, são camas, são mesas, são cadeiras, são portas já prontas, é madeira para trabalhos nas carpintarias, são sementes. Queremos que eles tenham de tudo o que necessitam.

Estou a ver o contentor que estamos a preparar. São as coisas mais variadas. A dobrada da Probar, de Coimbra, por intermédio da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Salsichas e chouriço da Isidoro, do Montijo, pela Casa do Gaiato do Tojal. A Nobre, de Rio Maior, não conseguiu fornecer carne, para já. Conserva de peixe pela Casa do Gaiato de Setúbal. Mais

conserva de peixe de Caxinas, pelo cunhado do Padre Telmo. Vinho delicioso das nossas ramadas de Paço de Sousa. Da mesma Casa partem um fax a encomendar, um carrocel e um escorrega para o parque infantil.

Algumas bicicletas e motorizadas que nos tinham oferecido, vão também. Um embrulho com relógios de pulso. Padre Manuel António pediu um televisor e um aparelho de música que embalámos. Com tantos mimos queremos mostrar aos nossos meninos do Ultramar o nosso carinho e o carinho das pessoas que nos rodeiam e nos ajudam. Tudo isto é um grande sinal de amor familiar.

Padre Horácio

PENSAMENTO

Se houvesse jamais no mundo uma força irresistível, são os braços abertos da criança abandonada.

PAI AMÉRICO

Visitantes

Cont. da página 1

«Perdido» que iam às compras com uma nota de conto. Tentei saber do negócio. Cada um dos achados empurrava para o outro e ainda não deslindei quem foi o aceite. Depois, se a consciência não fosse um produto tão raro, nas vendas não os acolheriam e preveniam-nos, de tão certos estão da irregularidade daqueles compradores e de tantas vezes avisados por nós! Mas não, as vendas estão para vender e de que se lhes dá dos compradores...!

Pedido veemente

Logo à noite vai haver tribunal rijo. Mas o mal é difícil de curar enquanto as causas se mantiverem.

Quem dera esta notícia fosse lida por estes «beneficentes» que não atentam no mal que fazem. E, ao menos, que nas terras de onde eles vêm, onde decerto haverá assinantes d'O GAIATO, seja passada palavra que informe e nos alivie destes trabalhos.

Eis o pedido veemente que aqui deixo.

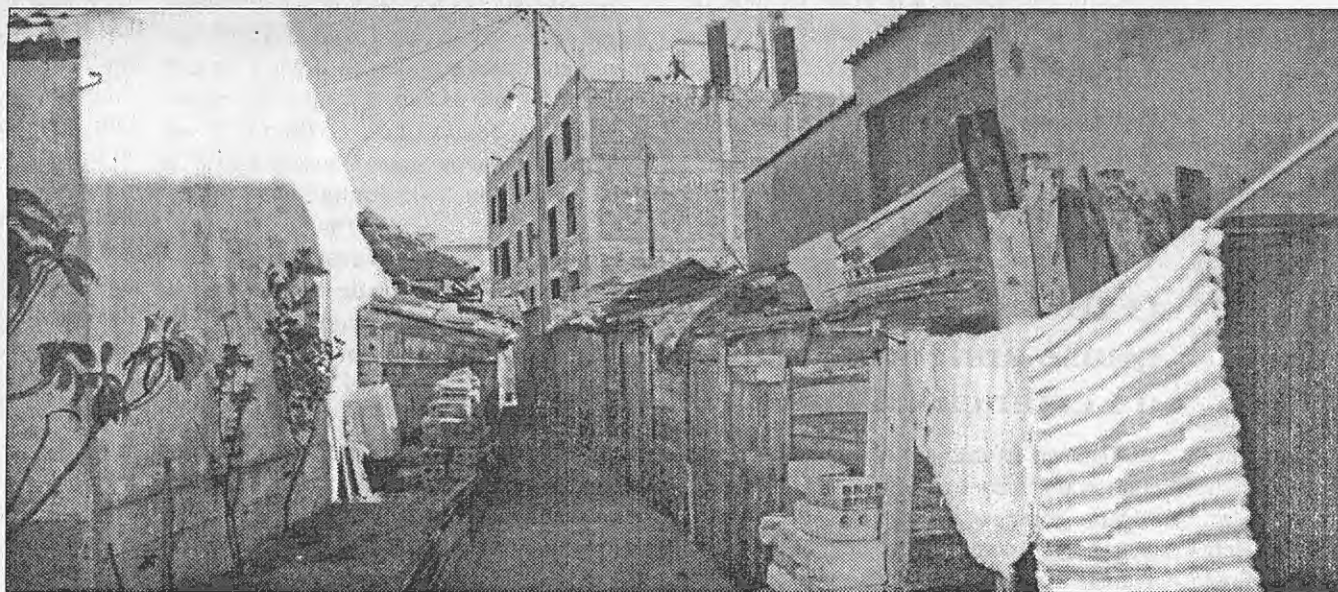
Padre Carlos

«Ao ver o apelo que estais fazendo eu vou contribuir com 50.000\$00 para comprar um tijolo. Somos já dois idosos e reformados. Para outra vez poderá ser mais.» Casal que não se instalou na sua reforma. Está atento. Quando o Senhor vier ao seu encontro encontra-os vigilantes. São do Barreiro.

«Junto um cheque de cento e cinquenta contos para partilhar a construção de casas de famílias necessitadas.» Veio da Covilhã.

A esta areia, tijolo e telha juntamos também fatias do nosso pão e o Património dos Pobres vai respondendo aos apelos mais urgentes que lhe aparecem.

Padre Horácio



Mais um contraste, algures, no País que somos.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro: 72.300 exemplares.

MOÇAMBIQUE

Inauguração da primeira fase da nossa Aldeia

Construção

ESTA Casa do Gaiato assinalou o aniversário do Pai Américo com a inauguração da primeira fase da Aldeia: casa-mãe em dois blocos, mais duas casas de habitação.

Robustamente construídas, assentes sobre a rocha, embora não acabadas com perfeição, são o que se conseguiu fazer em ano e meio, com operários da Massaca; uns que até então viviam da lenha que apanhavam na serra, outros da guerra que por ali também passou. Acompanhados por alguns profissionais da construção e por dois encarregados que, de algum modo, ganharam ali o seu mestrado, a todos serviu de escola.

Há pequenos remates e acabamentos que, enquanto preparamos a mudança, serão ultimados. Fosse tão fácil a dos rapazes que agora vão encher de vida aquelas casas, para que saibam usá-las condignamente. Há muito que tentamos educar o ser e o agir de cada um, para além do trabalho em que uma dezena se valorizou profissionalmente e quase

todos, até pela noite dentro, nas últimas semanas, se empenharam no polir e lavar o chão, colocar vidros, lixar e envernizar portas e janelas; ou, no exterior, retirando lixo e pedras, fazendo canteiros e, embora à pressa, dispondo plantas de embelezar.

A hora mais importante foi a Celebração

A hora mais importante foi a Celebração, presidida por Mons. Ramon da Delegação Apostólica, rodeado de muitos Padres e Irmãs que vieram acompanhar-nos. Os nossos rapazes e jovens da Comunidade esmeraram-se nos cânticos e danças litúrgicas, onde até os mais pequeninos tomaram parte. A insegurança do tempo levou que fosse no refeitório, já então preparado para o almoço, e não no largo da casa-mãe, prejudicando a movimentação adequada.

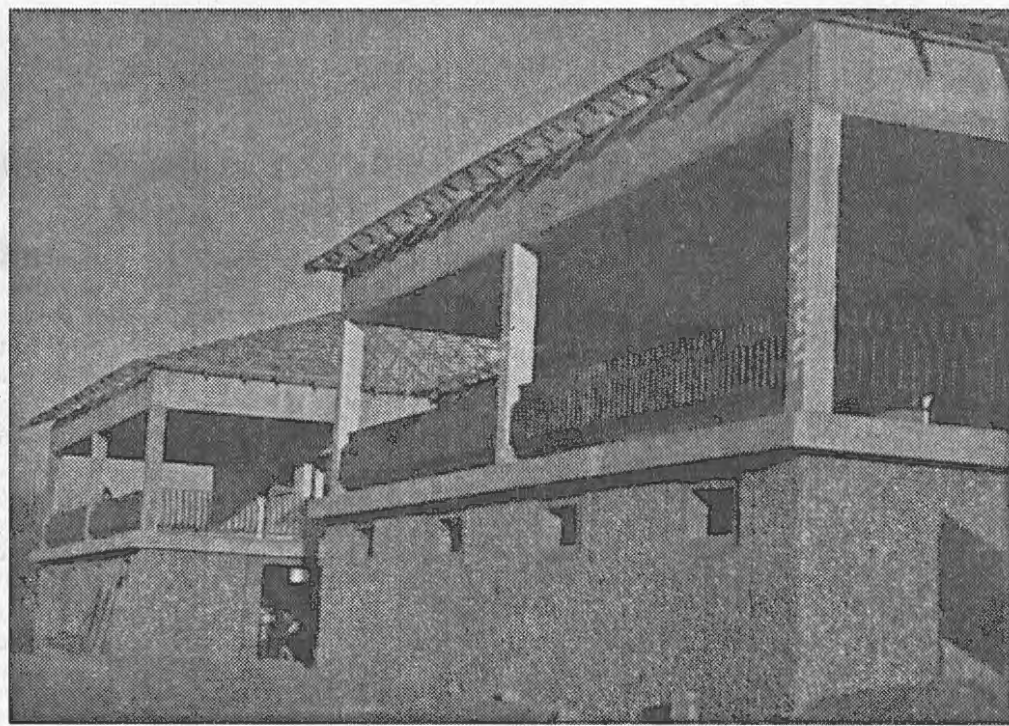
Era o Dia Mundial das Missões

Era o Dia Mundial das Missões e naquela hora nos sentimos grandes de tão

pequeninos que somos, nas pisadas de Pai Américo. Quem como ele anunciou os Pobres, quem fez de sua vida um testemunho vivo de amor aos que têm fome, aos nus, abandonados e a todos os que sofrem!

Estavam autoridades: o vice-Ministro da Acção Social, o Governador da Província, Delegação da C.E., Embaixador de Portugal, o Conselheiro e o Cónsul; uma forte representação da Cooperação Espanhola que nos tem apoiado na Massaca I; o CEAR e o CIC que mediu a ajuda à construção, na Comunidade Europeia.

Houve, sem protocolo mas com amizade, palavras referentes ao acto e à Casa do Gaiato, como uma resposta — limitada sem dúvida — às inúmeras carências das crianças moçambicanas que, devido à guerra, à pobreza aflitiva do Povo, à urbanização descontrolada e à perda dos valores morais da sociedade, enxameiam as ruas das cidades, sem amparo nem futuro. Sendo a Casa do Gaiato constituída por rapazes com a família desfeita, vagueando nas ruas das cidades — a pior escola que há no Mundo, como dizia



Uma parte do edifício da casa-mãe ora inaugurada

Pai Américo — aprendizes forçados de todos os vícios e males que a sociedade se permite, ela pretende ser uma resposta basililar àquilo a que toda a criança tem direito: uma família, uma casa, saúde, amparo, instrução, formação e, sobretudo, amor. É um universo de respostas às carências de todos e de cada um, onde nada falta do que é essencial ao seu crescer natural.

Como não somos de fitas Telmo e Manuel Dias deram a volta à chave do portão

Mas é também, e por isso, interpelação e até um acinte à consciência de todo o homem, ser social, que não pode alhear-se da educação de seus filhos, nem dos

filhos de ninguém. O que não diria Pai Américo!

Após o nosso primeiro gaiato, o Telmo, e o mais antigo dos primeiros, de Paço de Sousa, o Manuel Dias, há mais de quarenta anos vivendo na África do Sul, empresário da construção civil, foram dar a volta à chave do portão da entrada principal. Não somos de fitas.

Houve a seguir o almoço. Organizado pelo grupo de apoio da Academia do Bachelau, eram mais de quatrocentas pessoas a contar com os rapazes. Como não podia deixar de ser, estavam também os trabalhadores das obras e muitos outros ligados ao nosso trabalho e a comunidade cristã de Massaca que participou na Missa. Mais de quinhentos. E não houve tempo de juntar os restos, que muitos

se encarregaram de o fazer.

Os nossos professores prepararam os rapazes para uma sessão de palco, armado pelo José Alberto, nosso mestre carpinteiro, na vacaria, ainda desocupada. Foram duas horas cheias, com a assistência feliz com o que eles foram capazes de apresentar: canções, danças, um jogral sobre a Casa do Gaiato, teatro inventado por eles a retratar os males e traços sociais e uma dança guerreira a fechar. Era quase noite quando serenou e nós, da Casa, pudemos regressar à Massaca para uma noite, tão ansiada, de repouso.

Bem hajam todos os que têm acompanhado o crescer da Obra da Rua em Moçambique. E Pai Américo seja intercessor solícito das necessidades de cada um.

Padre José Maria

SETÚBAL

O «Kicas»

ONelson Afonso mais o seu irmão «Kicas» foram-nos entregues pela Polícia de Setúbal por terem sido abandonados na Praça do Brasil com três irmãos, num fim de tarde invernos.

Mesmo sem poder, damos sempre um jeitinho para uma criança abandonada nesta cidade. Somos a Casa do Gaiato de Setúbal.

Receber um rapaz é, sempre, criar um sonho: *fazer dele um homem!*

Tratamos de acautelar a sua estabilidade em nossa Casa pedindo a interferência do Tribunal, não nos contentando com a participação da Polícia.

Diz-nos a experiência que crianças abandonadas são adolescentes reclamados.

Então, para que na inconstância dos 14 aos 17 nenhum familiar os seduzisse, foram-nos entregues pela Autoridade Judicial em decisão cuja cópia guardo.

Parecia que os menores, nós e o nosso sonho se firmavam com alguma consistência. Era assim que eu pensava. É assim que o leitor cuida, e também que a maior parte das pessoas entende. Achávamos que uma decisão destas deveria ser eficaz. Mas não. Infelizmente o Tribunal faz um papel. Manda um papel e... pronto.

O «Kicas», com catorze anos e o 6º de

escolaridade, havia fugido para casa do tio que é tendeiro. Nessa altura fomos preteridos ao familiar.

Agora é o Tribunal de Olhão que procura o «Kicas» e me pergunta a sua morada. Naturalmente o jovem arranhou material para o Tribunal trabalhar. Vendo-se em apuros refugiou-se na barraca do avô, na Atalaia (Montijo), tentando assim escapar-se da alçada jurisdicional da zona.

Agora sim, quem devia ser chamado à barra da Justiça seria o Tribunal que, de ânimo leve, confiou o adolescente a um tendeiro, só por ser tio.

Um dia, quando a Justiça se revelar, e tudo for claro aos nossos olhos, veremos então quem neste caso deveria ser condenado. Agora é a *justicite* burocrática da humanidade.

O furto é uma doença quase endémica da criança da rua

O Nelson Afonso era o menino da minha confiança. Foi comigo a todos os peditórios ao Algarve, carregando as sacadas do dinheiro. Outros foram com ele; mas ele foi a todos. Era a minha segurança. Acreditava nele.

O ano passado fez o 7º ano e gozava de especial afeição.

Roubou da saca dos peditórios, sem que eu suspeitasse. O furto é uma doença quase endémica da criança da rua. Mas difícil de curar.

Quando se sentiu descoberto, juntou-se ao Nuno «Sapateiro» — e aí vão ambos, de mala aviada, para a grande barraca do avô, na Atalaia.

O «Sapateiro» voltou, contando aos companheiros e ao chefe toda a aventura da fuga mais a recusa de acolhimento de que foi vítima, e o local onde ficou o colega.

Ausente de casa por esses dias e dolorosamente sobressaltado pela notícia, imediatamente entreguei em mão ao digno Curador de Menores, por escrito, o relato dos acontecimentos rogando que o Tribunal fosse rápido, dado que as aulas começariam daí a uma semana. Era 18 de Setembro passado.

Escrevo a 30/10/95. Até hoje não tenho conhecimento que o Tribunal fizesse qualquer diligência no sentido de salvar este meu filho. Silêncio profundo! Tudo dorme!...

Não descansaram assim os padrinhos! Não. Quando o Nelson foi aqui baptizado escolheu a Silvia e o Freitas, então noivos, para seus padrinhos. O Baptismo é uma acção sagrada e ser padrinho uma responsabilidade quase paternal.

Feridos e esperançados, a Silvia e o Freitas puseram os pés a caminho e foram em busca do seu querido afilhado, tentando convencê-lo a regressar a Casa.

Foi em grandes soluços e muitas lágrimas que a Silvia me contou o encontro: *«Anda homem! Há tantos rapazes que roubam e estão na Casa do Gaiato! Volta que fulano (eu) perdoa-te. Não fiques nesta miséria que te perdes».*

Os padrinhos não descansaram!

Os padrinhos eram a voz da consciência. Do Bem. Ele tinha a seu lado outra voz muito mais agradável. Era a do avô! Um homem alto, embrutecido pela vida miserável: *«Se roubaste o Padre fizeste muito bem. É para te pagares do trabalho que lá fizeste!»*

Acreditamos que a semente da verdade lançada na sua consciência, durante seis anos, tenha força irreprimível; mas a circunstância em que ele vive é tão má que duvido colhermos algum fruto.

Se, amanhã, o Nelson e o «Kicas» forem agentes da insegurança, eu pergunto a pessoas de boa consciência: — Quem deve ser condenado?

A Justiça que impunemente comete tanta injustiça.

Toda a insegurança é uma denúncia indementível de injustiça.

Padre Acílio